

PAE

Passa os dias na tasca. A esposa, com carinho,
Vendo-o assim debruçado ao pé de um precipicio,
Pede, e a filha tambem, que elle abandone o vicio,
Mas dir-se-ia vencel-o a tentação do vinho.

Depois que da miseria entrára no caminho,
Tornando-se-lhe a vida um longo sacrificio,
Nada mais lhe abrandava esse infernal supplicio,
Que o levava da tasca ao torpe borborrhinho.

Um dia, ao penetrar na habitual taverna,
Aos embates febris da tempestade interna,
Que em constante oppressão trazia o peito seu,

A filhinha encontrou, chorando, a procural-o,
E, ao vel-a, o pobre pae sentiu tão grande abalo
Que a abraçou soluçando, e nunca mais bebeu

JOVINO MARQUES.



Erros e superstições populares

Todos os povos têm as suas crenças supersticiosas, mais ou menos modificadas segundo o grau de civilização.

Entre os povos antigos, em que dominava a casta sacerdotal, a sciencia era o privilegio exclusivo d'esta casta. Os guerreiros não se occupavam de sciencia, e o povo vegetava na mais crassa ignorancia. Por isso, póde-se dizer que eram os sacerdotes os arbitros supremos dos povos.

Quando estudamos, por exemplo, a historia do Egypto, costumamos dizer que esta nação havia attin-gido um alto grau de civilização, e que os egypcios eram um povo verdadeiramente instruido. Engano manifesto. A instrucção e a civilização estavam adstrictas aos sacerdotes; mas o povo, completamente ignorante, não passava de um manequim, movido por impulso estranho. Não tinha vontade propria, nem sabia o que era a liberdade. Por isso vemos o Egypto, ora sujeito por dous seculos ao jugo dos *reis-pastores*, ora curvan-do-se a um governo de doze chefes, ora sujeitando-se inconsciente á conquista de Cambyses, de Alexandre Magno e do imperio romano.

Os Egypcios professavam um naturalismo grosseiro, pois consideravam deuses todas as especies de animaes, e até as proprias plantas. O boi *Apis* era um dos seus principaes deuses: era o deus *popular*. Refere a Historia que, quando elle completava 25 annos, os sacerdotes levavam-no em procissão ao rio Nilo e ahi o afogavam; faziam-lhe pomposos funeraes, embalsamavam-no, e o povo o pranteava depois em altos alaridos.

Em seguida iam procurar outro boi para substituir o *deus morto*, e quando o achavam enchiam o ar com gritos de alegria.

Era uma pagodeira !

Um dos maiores crimes imputados a Cambyzes, foi ter elle morto *sacrilegamente* o boi *Apis*.

E os oráculos ? Eis outro producto da ignorancia e da superstição dos antigos.

Em Delphos, segundo refere Bouillet, a resposta ás consultas era dada por uma sacerdotisa; em Dodone, ora por uma mulher, ora por uma pomba, ora pelo ruido das arvores; no antro de Trophonius e em Epidauré, o deus falava em sonhos aos fieis; em Roma consultavam-se os livros sibyllinos.

Estas respostas eram sempre ambigüas, para poderem explicar o facto por qualquer fórma que se realisasse.

Exemplo :

Consultavam os Gregos ao oraculo para saberem se ganhariam esta ou aquella batalha.

Resposta do oraculo : *A batalha será ganha.*

Se os Gregos venciam effectivamente, todos proclamavam sem sombra de dúvida a infallibilidade do oraculo; neste caso a resposta ficava completa do seguinte modo : *A batalha será ganha pelos Gregos.*

Mas se ficavam vencidos, e os interpretes eram provocados a uma explicação, respondiam : « Não duvideis do oraculo; pois se este disse que a batalha *seria ganha*, não declarou *por quem* : deverieis ter perguntado a tempo.

De modo que o oraculo, quer dissesse *sim*, quer dissesse *não*, quer dissesse *sim e não* ao mesmo tempo, era sempre infallivel.

E quem ria-se d'estas babuzeiras eram aquelles grandes velhacos, que por traz das cortinas faziam gingar os manequins, ou falar as sacerdotizas, ou produziam os *ruidos mysteriosos* que os papalvos tomavam como resposta ás suas perguntas.

Nós hoje mettemos a ridiculo estas tolices dos

antigos, e chamamos *brutos* áquelles povos, sem nos lembrarmos de que somos tão *brutos* como elles, ou mais ainda.

E senão, digam-nos :

— Não é verdade que acreditamos nos *sonhos* ou *visões nocturnas*, no *curupira*, na *uyára*, na *matinta-pereira*, nas *almas penadas*, na cólera divina manifestando-se nos trovões, nos raios etc. ?

— Se temos um *sonho feio*, o nosso primeiro cuidado quando acordamos é resar um Padre-Nosso e uma Ave-Maria á Senhora de Belem, para que o mesmo *não saia certo*.

— O nosso *pesadelo* não é uma oppressão que sentimos ao dormir; é um *preto* com barrete encarnado que nos quer agarrar, e do qual só nos livramos arrancando-lhe o dito barrete.

— Não caminhamos sosinhos pelos mattos, para não sermos victimados pelo *curupira*.

— Não andamos em noites escuras por logares ermos, e até pelo interior das nossas proprias casas, para não sermos *assombrados* pelos trasgos, pelos demonios, pelos phantasmas e duendes...

— Não passamos á noite pelos cemiterios, com medo de que os mortos se levantem das suas sepulturas para nos perseguirem ou levarem consigo...

— Se ouvimos piar um mocho ou esvoaçar um passaro noctivago, cremos logo piamente que aquillo é um *agoiro*.

— Se alguém adoce de hypocondria, ou soffre qualquer outra molestia desconhecida para nós, — *está enfeitado*.

— Se padece de convulsões, é porque foi *assombrado pelo bicho do fundo* ou *uyára*, e neste caso só um *pagé* póde restituir-lhe a saude com o competente cigarro de tauari.

— Se vemos á noite uma luzerna no cemiterio ou nas circumvisinhanças, não dizemos que é um fogo-fa-

tuo, sim uma *alma penada* que anda vagando por este mundo.

— Si se ouve de noite um assobio medonho, é a *matinta-pereira* que anda no fado.

E ha toleirões que correm noites inteiras atraz do bicho-demenio-mulher... e não o alcançam nunca ! porque, dizem elles, é um espirito ! — Espirito que corre ! espirito que assobia ! espirito que tem, por conseguinte, pernas e bocca ! — Já se viu maior absurdo ?

Muitas vezes estas scenas de estupidez se desmancham de um modo inesperado, e a *matinta* não passa de um refinado ladrão de gallinhas, e as almas d'outro mundo não são senão outra especie de ladrões, ainda mais refinados e perigosos que os primeiros, ladrões da honra das familias.

Quantos factos não se têm dado que servem para comprovar o nosso asserto ?

— Si chove, ou troveja, ou relampaguêa, ou caê alguma faisca electrica, não consideramos estes factos como phenomenos naturaes, sim como manifestações da ira de Deos, e agarramo-nos logo a Santa Barbara e a São Jeronymo, para fazerem cessar o estrondo da abobada celeste.

— Se apparece um cometa, este cometa não é um astro opaco e errante que gira no espaço, sendo visivel para nós quando está no seu perihelio, isto é, mais proximo do sol, cuja luz reflecte : é tambem um signal da cólera divina presagiando castigos; e a cauda do astro representa a *disciplina* com que seremos flagellados. Tanto assim, que passa como um axioma da superstição o seguinte anexim : « Signal no céu, castigo na terra. »

— Si se dá um eclipse de lua, ih ! isso então é um Deus nos acuda ! É signal de castigo, é a lua que dorme, é o bicho que está comendo a lua, etc., etc. — E para conjurar o castigo, fazem-se mil promessas aos santos; e para acordar a lua, bate se o pilão, açoitam-se as almofadas de algodão, accendem-se foguetes,

faz-se um barulho infernal ; e para matar o *bicho*, disparam-se tiros.

É uma delicia para quem aprecia de parte esta comedia burlesca !

Ora, tudo isto não está denotando que nós somos um povo ainda muito atrazado em instrucção e civilização ? Com toda a certeza.

Logo, não temos razão de nos rir das superstições e crenças absurdas dos antigos, pois as nossas são ainda peores que as d'elles.

VILHENA ALVES.



HYMNO AO ESTUDO

Nas batalhas serenas do estudo
seja o nosso phanal . . . a victoria;
nossos livros que sirvam de escudo
nas conquistas supremas da Glória.

Como os astros que brilham na calma
d'estes limpidos céus do Equador,
brilhe sempre vivaz, em noss'alma,
da instrucção esse intermino amôr.

Guerra eterna façamos á treva,
surja a luz que nos guie a vencel-a . . .
Da ignorancia a bandeira se eleva . . .
nós seremos heróes p'ra abatel-a.

Piedade em noss'alma não móre,
se a bandeira rasgarmos cruéis;
nossa fronte serena se enflóre
dos mais bellos e eternos lauréis.

GUILHERME DE MIRANDA.

IGARAPÉ MIRY

A festa de encerramento do anno lectivo, no grupo escolar, em 1904.

«Cada festa de instrucção representa em minha consciencia uma limpida esperanza que me alenta; repercute em minha alma como um bello consolo que aviventa; porque nellas eu vejo sempre um rebate de clarins, tangidos pelos labios do patriotismo, nos arraiaes da democracia, onde, erguida, a bandeira da Republica anuncia ao monarchismo inpenitente a noticia de mais uma victoria bemfazeja».

V. CARDOSO.

Está regenerada a mocidade de minha terra. Bafejou-a o calor official, e o sabio e benemerito Governador do Estado, levando uma irreprehensivel orientação, dotou-a com o ideal que, ha muito, a afagava, no borborigo mesmo produzido pela indolencia, pela apathia e pela inacção. No meio d'essa medonha confusão, um raio de esperanza sustava, de quando em quando, o animo do desespero.

Exulta, ó mocidade de minha terra; cobre de bençãos a fronte magestosamente aureolada de Augusto Montenegro, o nosso coestaduano que nos governa com a sciencia nas mãos e a perspicacia no espirito, adquirindo popular affeição e renome universal. Foi esse conspicuo talento, esse inculto e genial estadista que, provido de agudissima observação, na complicada engrenagem governamental, comprendeu bem depressa que a instrucção é a base da felicidade de um povo; e comprehendendo isto, tem amparado, protegido e ampliado o ensino publico em todo o territorio do Pará, sem distincção alguma, por isso mesmo que a accessibilidade da instrucção deve constituir-se em bem commum, tanto mais quanto é certo que «a ins-

trução gratuita, diffusa, completa, não é um favor, uma esmola que o governo prodigalisa; mas um dever inilludível a bem da communitade e da defesa social».

Eil-o, pois, repartindo, igualmente, esse bem, esse dever, pela mocidade paraense; eil-o, por conseguinte, prodigalizando vida aos espiritos e fomentando a energia da futura sociedade cuja regeneração iniciou pelo estavel e solido desenvolvimento com que cunhou a nossa instrucção publica.

Molecula da patria paraense, Igarapé Miry teve o seu quinhão, na grande partilha, e ergueu-se em seu solo, como intenso fanal, a criação de um grupo escolar—a melhor das organizações escolares. É d'este instituto que, promissoramente, se erigiu na cidade de Igarapé-Miry, que vou mostrar a efficacia, tomando como penhor de minhas affirmacções uma curta porem proveitosa experiencia.

Uma instituição, nem por ser excellente, nem por merecer a confiança e o favor publico, pode, por si só, firmar credito; carece de mãos fabeis, de abnegada dedicação, de competencia firmada para dar-lhe o timbre essencial do fim a que é destinada. Por isso mesmo o grupo escolar d'esta cidade fôra um todo inerte, se não encontrasse vida sempre crescente no supremo esforço de seu director e de seus professores, bem compenetrados todos de que, como diz Mgr. Dupanloup, *«l'enfant c'est l'homme lui-même avec tout son avenir renfermé dans ses premières années. L'enfant c'est l'espérance de la famille et de la société; c'est le genre humain qui renaît, la Patrie qui se perpétue, c'est comme le renouvellement de la société dans sa fleur»*. E, por isso, elevaram elles ao grau de um verdadeiro sacerdocio «o dever de amal-a (a criança) com suas graças e imperfeições, de respeitar-lhe a innocencia, protegel-a contra a propria fraqueza, de ajudal-a a vencer as difficuldades inherentes á sua natureza, de conduzil-a e fortifical-a, e, em uma palavra, de educal-a em corpo e alma».

Robusta concepção, juízo calmo, séria aplicação ao trabalho, illustração, competencia e viveza d'alma e de coração: eis o homem que dirige o grupo escolar de Igarapé Miry; eis a alma—mater d'essa casa, a força impulsionadora da movimentação e do brilho d'essa communhão espiritual da infancia.

Não é sem razão que concatenei estas considerações, genuinas filhas de um espirito desprevenido e de um coração desapaixonado, antes de terir o assumpto principal. Falo no terreno dos factos e amparo-me com o testemunho da população d'esta terra.

*
*
*

Deu motivo a este pequeno escripto a festa de encerramento do anno lectivo, no referido grupo escolar.

Foi uma real solennidade dentro de outra solennidade; foi o scintillar de uma fé e o raiar de uma esperanza doce e salutar dentro de outra fé e no seio de outra esperanza, qual a fé e a esperanza republicana que o dia 16 de Novembro desperta na alma paraense.

16 de Novembro: eis a solennidade republicana que em nossos corações accende o fogo do civismo; eis o dia designado para a festa do trabalho intellectual, no grupo escolar de Igarapé Miry.

A festas similares tenho assistido, já na capital, já no interior do Estado; é-me, porem, satisfactorio declarar que a nenhuma foi inferior a que se effectuou, pela vez primeira, em minha querida terra. Ceremonia de puro character infantil, pareceu, verdadeiramente, á numerosa assistencia que esse character peculiar foi a pedra de toque d'aquella sublime sessão litteraria.

E creio bem traduzido esse modo de vêr: a litteratura infantil repassada de fina escolha; as admiraveis e variadas exhibições da mocidade alacre, nos vivos transportes de enthusiasmo, sedentos de glorias justificadas pelos labores do anno, pelos meritos conquistados— tudo imprimiu ao conjuncto festivo uma pom-

posa feição de infantilidade e uma soberba magnificencia

A esse regozijo das intelligencias concorreram todas as classes sociaes. O chefe do executivo estadual ali estava na pessoado sr. Capitão Cassulo de Mello; representava, mui dignamente, o Secretario da instrucção publica o illustrado Juiz de Direito d'esta comarca dr. Julio Costa, que nesse character presidiu o acto; o governo do municipio compareceu na veneravel figura do intendente, sr. Coronel Garcia.

O programma do festival, comquanto extenso e variado, foi fielmente praticado.

Como prologo e epilogo, cantou a mocidade estudantina o hymno do estabelecimento com bom acompanhamento musical. A oração official produziu a o professor Delgado Leão.

Não se regatearam applausos geraes; não se occultaram, no auditorio, alegria e admiração.

Esteve tudo muito alem da expectativa.

A presença franca e desembaraçada na tribuna, o porte simples e delicado, a amena declamação, a compenetração das idéas e dos conceitos expendidos e, finalmente, o garbo de precoces oradores, obrigam-me a citar os nomes de Anna Machado, Alzira e Victoria Caripuna, Raymundo Garcia, João de Castro, Joanna e Almeirinda Andrade.

A comedia «A Professora» levada á scena por um grupo de gentis alumnas, arrancou dos espectadores gostosas palmas e risos francos e saborosos.

Fez o director a annunciada entrega de certificados aos alumnos que concluíram o curso elementar, e distribuiu, em um dos intervallos, os premios merecidos pelos mais distinctos estudantes.

Nesta distribuição foi observada a recommendada moderação, o indispensavel criterio e a justiça que dão aos premios o desejado valor estimativo, como meio de emulação e estimulo.

Teve sobejas provas de estima e consideração o

Capitão Aristides, director do grupo, recebendo cumprimentos e felicitações pelo exito completo e sublimado d'esse acto augusto e caracteristico. As palavras de um illustre orador: «sinto-me humilhado e, ao mesmo tempo, enthiasmado deante da sublimidade d'esta festa» fazem melhor aquilatar-se a pompa, a riqueza e a magestade da cerimonia.

A serie de retratos que ornamentavam o vasto salão de honra —o proprio recinto da festa—e que representavam Augusto Montenegro, Paes de Carvalho, Antonio Lemos, José Garcia da Silva e Julio Costa, tinha, naquella occasião, bem pensada e significativa allusão: essas illustres e eminentes individualidades são outras tantas forças creadoras e protectoras do grupo escolar de Igarapé Miry.

*

Como chave de ouro a fechar minoso escriptorio de finas joias, encerrou a sessão o primoroso discurso pronunciado pelo illustrado director do estabelecimento; discurso pejado de judiciosas opiniões, magnifico e selecto repositório de pensamentos e de verdades incontestaveis, artisticamente burilado em bello estylo.

Igarapé-Miry, 22 de Novembro de 1904.

JOSÉ CORREA PINTO.



O EGYPTO

Mudo, sombrio, livido, tranquillo,
O grave sacerdote a lei superna
Ia gravar nos antros da caverna
Onde se arrasta, lento, o crocodilo.

E hoje o que resta já de tudo aquillo?
Resta o silencio, qué a mudez governa,
O vacuo, a solidão, a mumia eterna
No deserto areal do sacro Nilo.

A palmeira feliz não mais avulta
Na curva do horisonte dilatado,
Onde a sombra da morte ora se occulta.

Mas uma coisa fica : o genio ousado
Que a mortalha do tempo não sepulta
Na grimpa das pyramides alçado,

ASSIS BRASIL.



ESTUDOS GRAMMATICAES

SUPERIOR, INFERIOR, ETC.

Alguns auctores, entre elles Costa e Cunha (*Manual do Examinando*), Leoni (*Genio da lingua portugueza*), Bento de Oliveira, João Ribeiro, Carneiro e Condurú (*Grammaticas*), dão os adjectivos *superior* e *inferior* como comparativos, o primeiro de *alto* e o segundo de *baixo*.

Taes adjectivos são positivos, pois não se diz—*superior que, inferior que*—como se diz—*melhor que, peor que*—; mas sim—*superior a, inferior a*. Esta consideração é de Soares Barbosa. O mesmo ensinam Grivet, Maximino Maciel, José Alexandre Passos e outros.

Neste caso se acham tambem os adjectivos *anterior, posterior, interior, ulterior* e *citerior*, os quaes, assim como aquelles, fórmam comparativos em latim, mas passaram para o portuguez como simples positivos.

Grivét diz : «Se, por uma redundancia insoffrivel, é perfeitamente illicito dizer—*tão maior, tão menor, ou mais melhor, menos peor*,—não o é, de modo algum, em relação ás locuções—*tão superior, tão inferior, mais exterior, menos interior*, etc. Portanto, são de per si simples positivos».

Passos (*Diccionario gramm.*) «Ha na lingua portugueza alguns adjectivos relativos que na significação se assemelham aos comparativos, como *superior, inferior, anterior, posterior*, aos quaes juntamos o complemento terminativo, v. g. *Esta seda é superior áquella que tu compraste; Este vinho é inferior ao de Lisbôa*; e ás vezes se usam sem complemento algum, v. g. *Quero vinho superior*. Estes adjectivos são comparativos NO LATIM, d'onde se derivaram...»

Monteiro Leite (*Subsidios*) diz o seguinte :

«Excepto as palavras—*maior, menor, melhor, peor, superior, inferior, anterior, posterior, exterior, ulterior*,—não temos nas linguas neo-latinas adjectivos comparativos».

Entretanto, logo no periodo seguinte a esse, demonstra elle que, excepto os quatro primeiros, todos os mais são positivos :

«Quando usarmos dos comparativos de superioridade e inferioridade—diz—devemos ligar o segundo termo de comparação com o primeiro por a locução—*do que...* Devemos ligar, nos comparativos de igualdade, o segundo termo de comparação com o primeiro—pelo conjunctivo como.»

Ora, repito, ninguem diz—*superior do que, inferior do que*, etc.; nem—*anterior como*, etc.

Logo taes palavras são positivos, conforme a propria regra do sr. Leite.

Os sabios tambem dormitam.

Maximino Maciel (*Grammatica*) diz :

« O estudo e o cultivo dos classicos latinos contribuiu para que muitos comparativos em *or* e superlativos em *imo* passassem para a lingua vernacula DESCLASSIFICADOS, isto é, perdendo as funções de comparativos e tomando as de positivos, ex.: *anterior, posterior, inferior, ultimo*, etc.».

Magistralmente. Taes adjectivos, passando para o Portuguez, foram DESCLASSIFICADOS, passando de comparativos a méros positivos.

Nós apresentaremos exemplos, colhidos de optimos escriptores, em que o adjectivo *superior* vem precedido dos respectivos adverbios, para formar comparativos.

Se esse adjectivo fosse já de si comparativo, repelliria o adverbio, assim como o repellem os comparativos *maior, menor, melhor, peor*, pois não se diz—*mais maior, tão menor*—como diz-se—*mais superior, tão inferior*.

«Bem se vê d'aqui a opulencia d'este grande rei; e que se Nero fôra a Pekin, bem o podia elle hospedar com tratamento e grandeza *tão superior*, como o mesmo Nero hospedou a el-rei Tyradates em Roma». (Padre Manoel Bernardes.)

«Mas é *tão superior* o juizo da Penitencia sobre o mesmo juizo de Deus (por excesso de misericordia sua), que o que no juizo de Deus se condemna, no juizo da Penitencia pôde-se absolver». (Padre Antonio Vieira.)

«Nunca a vaidade attingiu *mais superiores* limites.» (Lopes de Mendonça—*Memorias de litt. cont.*)

«(O sr. Garrett) viu fecundado o seu engenho num *mais vasto e superior* theatro.» (Id. *ibid.*)

«...E todavia cremos que a litteratura moderna não possui monumento de *mais superior* e acabado molde». (Id., *ibid.*)

«Ainda hoje, na phrase commum, a donzella Theodora é o typo da sabedoria feminina *mais superior*.» (Garret—*Frei Luiz de Souza*, drama.)

«Virtude *tão superior*, que ninguem se lembra das batalhas de Locullo, mas das suas ceias».

(Machado de Assis—*Historias sem data.*)

*
* *

Finalmente a opinião emittida confirma-se ainda com o uso d'esses adjectivos despídos dos accessorios adverbias dos comparativos analyticos,—e mostrando simplesmente uma qualidade, como todos os adjectivos positivos. Exemplos :

«Parece que o *superior* merecimento d'este grande e glorioso principe...» (Fr. Francisco de São Luiz, citado por Aulete)—Isto é: o subido merecimento.

«Ordem *superior*. Animaes *superiores*. Cursos *superiores*. Planetas *superiores, inferiores*. (Aulete—*dicionario.*)

«Guy de Maupassant, discutindo o realismo, diz,

a meu ver com *superior* criterio...» (José Verissimo — *O romance naturalista no Brasil.*)—Isto é: alevantado criterio.

«A razão é a figura, ou, mais particularmente, as bochechas que lhe emprestam um certo ar *superior.*» (Machado de Assis.)—Isto é: um certo ar distincto.

VILHENA ALVES.

Os pequeninos

Eu sinto que do peito um jubilo se evola,
Mais suave do que um beijo em labios impollutos,
Quando os vejo passar — a esses pequenos fructos
Da arvore da vida— em caminho da escola.

Brinca-lhes o prazer nos bregeiros e astutos
Olhos. E então eu penso, ao vel-os de saccola :
— São mendigos da luz ! Andam pedindo a esmola
Do pão p'ra a intelligencia, alegres, resolutos.—

O sabios, que viveis buscando não sei qual
Fugitiva e subtil pedra philosophal
Em mundos ideaes, utópicos, divinos,—

Sabei que buscais longe aquillo que está perto...
O sonho que sonhais, sublime, está por certo
Na lúcida instrucção d'aquelles pequeninos.

RENÉ BARRETO.

Periodos e trechos para analyse e recitação

—O que corresponde ás injurias com beneficios é como a arvore, que dá sombra e fructos aos mesmos que a apredejam. (Conselheiro Bastos.)

—A multidão de livros em uma bibliotheca, é muitas vezes uma nuvem de testemunhas da ignorancia do possuidor. (Bastos.)

—Quando a boa fé reina, a simples palavra basta; quando ella não existe, é inutil o juramento. (Bastos.)

—O mal, que de tua bocca sáe, em teu peito cáe. (Bastos.)

—Uma cabeça vale mais, que cem braços. (Bastos.)

—Cada um, em sua cabeça, edifica um pequeno mundo, de que é centro. (Bastos.)

—Os grandes caminhos são, para um paiz, o que as arterias e as veias são para o corpo. (Bastos.)

—O sabio conhece o ignorante, porque já foi ignorante : o indouto não conhece o douto, porque nunca o foi. (Bastos.)

—As mais bellas conquistas são aquellas, que se fazem nos extensos dominios das sciencias. (Bastos.)

—As consolações indiscretas irritam as grandes afflicções. (Bastos.)

—Augusto estava inconsolavel pela morte de um seu amigo. Consolai-vos, grande Principe, lhe disse um cortezão; vossas lagrimas não podem restituir-lhe a vida. É isso mesmo que faz, disse Augusto, que eu não possa consolar-me. (Bastos.)

—Aquillo que se escreve sobre o marmore e sobre o bronze, facilmente se desvanece; dura sempre o que se escreve nos corações. (Bastos.)

—Os fracos arengam, quando os fortes obram e dominam. (Marquez de Maricá.)

—Para quem não tem juizo, os maiores bens da vida se convertem em gravissimos males. (Maricá.)

—Ter nome de prégador, ou ser prégador de nome, não importa nada : as acções, a vida, o exemplo, as obras são as que convertem o mundo. (Padre Antonio Vieira.)

—Ha ignorontes tão altivos, que se despresam de perguntar, ou porque presumem que tudo sabem, ou porque se não presuma que lhes falta alguma cousa por saber. (Padre Antonio Vieira.)

—Os grandes genios que no mundo appareceram traçaram tão fundos sulcos do saber humano, que ainda hoje somos guiados pelos clarões de sua brilhante luz. (Padre Antonio Vieira.)

—Vêde sahir a Christo do pretório de Pilatos, acompanhado de grande tropél de justiça, e vereis na representação d'aquella tragedia o que cada dia acontece no mundo : o Innocente caminhava para o supplicio, o prégão dizia as culpas, o coração levava as detesas. As culpas do prégão eram falsas, as detesas do coração eram verdadeiras : mas, como no mundo o coração não val testemunha, morreu crucificado a Innocencia.

Quantos traslados d'este processo se fórmam cada dia no juizo humano ! — Por isso os innocentes padecem, e os culpados triumpham. (Padre Antonio Vieira.)



Sempre a verdade

Mamãe me disse
Que não mentisse :
— Que não e não!...
Depois então ...
(Não foi por gosto
Que ate meu rosto
D'alli voltei ...)
Não sei ... não sei ...
Hoje cedinho
Passei pertinho
De um prato cheio,
Não, pelo meio,
De bons-bocados ;
E tão dourados
Que foi só ver
É logo encher
A boca d'agua !
— Meu Deus, que magua !...
Nem mesmo sei
Como tirei
Um só... não, dois !
Depois... depois
Me arrependi !
Mas já comi ...
Que mais ? ... Mais nada ;
Fico calada,
Ou digo então ...
— Eu não fui, não !...
Mas mamãesinha
Logo adivinha .

Como ha de ser?
Ah! vou dizer
Tudo, certinho:
Dou-lhe um beijinho
E ella perdôa!
— Mamãe é bôa! ...

ZALINA ROLIM.



DISCURSO

pronunciado pelo menino Cicero de Paiva Cavalcante por occasião dos exames da escola publica de Araripe, regida pela professora Joanna d'Almeida Carvalho.

EXM.^{os} SNR.^s — MEUS CAROS COLLEGAS.

A consciencia, a moral e mais virtudes, que constituem o bem da humanidade, criam-se e amadurecem sob o dominio da escola, que é o segundo elemento de perfeição da alma já inclinada aos bons principios pelos desvelos maternas.

E quando, em occasiões como esta, se verifica que o trabalho de um mestre fructificou, em recompensa dos esforços de muitos dias passados em continuas luctas em beneficio da mocidade, esta deve sentir se cheia de prazer, porque já póde seguir com segurança o caminho desanuviado de sua vida futura.

Esta casa de instrucção, como muitas outras, é um beneficio com que a nossa Patria dotou a infancia, que será o sustentaculo de sua honra e valor de seus creditos no porvir. Mas, é necessario não pararmos aos primeiros passos por ella ensaiados; é preciso não desprezarmos os livros, fazendo um invencivel baluarte contra a ignorancia, maldade que tanto avilta o caracter do homem tornando-o incompativel com os bons sentimentos que elevam os cidadãos a um nivel superior áquelle em que nasceram.

Os nossos collegas, que ainda ficam trabalhando pela sua instrucção convem que não desanimem, seguindo com tenacidade o exemplo dos que hoje são preparados para a conquista de outros emprehendimentos.

Em nome da turma que termina o curso d'esta escola, tenho o prazer de agradecer aos empenhos com

que a nossa boa mestra se desobrigou da sua honrosa missão, e hypothecar-lhe o nosso reconhecido amor, pois de outro modo não podemos recompensar os seus devotados sacrificios.

Ao deixal-a, depois de tanto tempo passado em tão boa associação, fazemos votos pela sua prosperidade, e felicidade dos nossos companheiros que ainda ficam sob a sua protecção.

Ao terminar, meus collegas, saudamos á Patria brasileira incarnada na alta personalidade do nosso governo, que nos dá os meios de educação, e á nossa preceptora pelo muito que fez em honra da sociedade e das nossas familias.

Tenho dito.

24 — Outubro — 1904.

